

O GOVERNO BOLSONARO, A CRISE POLÍTICA E AS NARRATIVAS SOBRE A PANDEMIA

■ IVANDILSON MIRANDA SILVA

<https://orcid.org/0000-0001-5719-5433>

Faculdade de Ciências da Bahia

RESUMO

Este artigo discute o governo Bolsonaro, a crise política e as narrativas sobre a pandemia. Pretende uma análise da atual conjuntura brasileira que vivencia duas crises: a crise política e a crise sanitária. O governo brasileiro de forma deliberada não enfrenta a pandemia do novo coronavírus e com isso, amplia o número de infectados que ultrapassa 2 milhões, empurrando o país para a maior tragédia da saúde pública de sua história com mais de 100 mil mortes, um genocídio presenciado por todo o mundo. O texto trata, também, as diversas narrativas sobre a pandemia, as narrativas do presidente Bolsonaro e seus seguidores, as narrativas que confrontam vidas e empregos – economia e saúde –, as narrativas que criam um inimigo externo causador da pandemia, as narrativas da charlatanice religiosa que vende curas milagrosas e a narrativa do “fique em casa”. Todo esse contexto político/pandêmico fragiliza a oposição ao governo que seque forças para emplacar um processo de *impeachment*. Essas são as questões discutidas neste texto.

Palavras-chave: Governo Bolsonaro. Crise política. Pandemia. Narrativas.

ABSTRACT

BOLSONARO GOVERNMENT, POLITICAL CRISIS AND NARRATIVES ABOUT THE PANDEMIC

This article discusses the Bolsonaro Government, the political crisis and the narratives about the pandemic. It intends to analyze the current Brazilian situation that is experiencing two crises: the political crisis and the health crisis. The Brazilian government deliberately does not face the pandemic of the new coronavirus and, with this, expands the number of infected people that exceeds 2 million, pushing the country to the greatest public health tragedy in its history with more than 100 thousand deaths, a genocide witnessed all over the world. The text also deals with the various narratives about the pandemic, the narratives of President Bolsonaro and his followers,

the narratives that confront lives and jobs (economy and health), the narratives that create an external enemy that causes the pandemic, the narratives of quackery church that sells miracle cures and the “Stay at Home” narrative. This whole political / pandemic context weakens the opposition to the government that runs dry to start an impeachment process. These are the issues discussed in this text.

Keyword: Bolsonaro government, Political crisis, Pandemic, Narratives.

RESUMEN **EL GOBIERNO BOLSONARO, LA CRISIS POLÍTICA Y LAS NARRATIVAS SOBRE LA PANDEMIA**

Este artículo analiza el gobierno de Bolsonaro, la crisis política y las narrativas sobre la pandemia. Tiene la intención de analizar la situación brasileña actual que está experimentando dos crisis: la crisis política y la crisis de salud. El gobierno brasileño deliberadamente no enfrenta la pandemia del nuevo coronavirus y, con esto, expande el número de personas infectadas que supera los 2 millones, empujando al país a la mayor tragedia de salud pública en su historia con más de 100 mil muertes, un genocidio presenciado por todo el mundo. El texto también trata las diversas narrativas sobre la pandemia, las narrativas del presidente Bolsonaro y sus seguidores, las narrativas que confrontan vidas y empleos (economía y salud), las narrativas que crean un enemigo externo que causa la pandemia, las narrativas de charlatanería. Iglesia que vende curas milagrosas y la narrativa “Quédate en casa”. Todo este contexto político / pandémico debilita la oposición al gobierno que se agota para comenzar un proceso de destitución. Estos son los temas discutidos en este texto.

Palabra clave: Gobierno de Bolsonaro, Crisis política, Pandemia, Narrativas.

Introdução

Compositor de destinos
 Tambor de todos os ritmos
 Tempo, Tempo, Tempo, Tempo
 Entro num acordo contigo
 Tempo, Tempo, Tempo, Tempo
 Por seres tão inventivo
 E pareceres contínuo
 Tempo, Tempo, Tempo, Tempo
 És um dos deuses mais lindos
 Tempo, Tempo, Tempo, Tempo
 (Caetano Veloso, Oração ao tempo,
 álbum Cinema Transcendental, de 1979).

A pandemia corta o passado e o futuro em uma espécie de presente sem a instauração do próprio presente. Corta o passado por inviabilizar rituais tradicionais de passagem entre a vida e a morte, não podemos sepultar dignamente os mortos. Nesse sentido, o futuro será cortado sem essa experiência, inviabilizamos a memória, um passado com fraturas que cria um vazio de futuro.

É presente sem presente, pois ao mesmo tempo que estamos neste tempo – o hoje – não

temos a possibilidade de vivê-lo “normalmente”, o isolamento social produz um presente limitado, em que não se pode viver coletivamente a alegria dos aniversários, formaturas, encontros, casamentos, defesas de teses e dissertações, não podemos abraçar, conversar com o olho no olho, vivenciar o velório, isso (obviamente) trará problemas no futuro, pois ficará “faltando um pedaço” dessa história na vida das pessoas.

No início dos anos 2000, na Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas (FFCH) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), o saudoso professor Gey Espinheira, em suas aulas sobre a Teoria Pós-Moderna, dizia que: “O tempo estava engolindo o próprio tempo”, pois ao mesmo tempo que não “estamos tendo tempo para nada”, “não temos tempo a perder” ou “hoje o tempo voa amor, escorre pelas mãos” como nas músicas dos Titãs¹ e Lulu Santos². Estamos correndo nessa paradoxal realidade sem entender muito o que está acontecendo.

Santo Agostinho (1980), em sua obra *Confissões* nos indaga sobre o que de fato é o tempo, pois como estamos dentro da temporalidade e não somos eternos, temos dificuldades para entender/perceber o tempo.

Declarai-nos, pois, ó Soberano das vossas criaturas, de que modo ensinai às almas os acontecimentos futuros, pois não se pode duvidar de que os revelastes aos vossos profetas. De que modo ensinai as coisas futuras, ó Senhor para quem não há futuro? Ou antes, de que modo ensinai algumas coisas presentes acerca do futuro? Pois o que não existe também não pode, evidentemente, ser ensinado! Este modo misterioso está demasiado acima da minha inteligência. Supera as minhas forças. Por mim não poderei atingi-lo. Porém, podê-lo-ei por Vós, quando me concederdes, ó doce luz dos ocultos olhos da minha alma (AGOSTINHO, 1980, p. 270).

É preciso a concessão do eterno (Deus) para que o tempo em suas três dimensões – passado, presente e futuro – seja compreendido nessa concepção agostiniana. Levando em consideração a análise de Espinheira (2005) de que o tempo engole o próprio tempo numa pós-modernidade e essa percepção medieval de Agostinho (1980) de não alcance do conceito de tempo por sua condição temporal, temos o tempo como problema, como desafio que atravessa a história.

Voltando ao hoje, ao momento (contexto) em que estamos vivendo tempos difíceis, de pandemia no Brasil, essa situação se agrava com o quadro da crise político-econômica produzida pelo governo Bolsonaro que além de não promover ações efetivas de combate ao novo coronavírus, gera um cenário de ameaças a democracia e as premissas constitucionais de 1988.

O governo Bolsonaro demonstra em suas ações, em plena crise sanitária e humanitária, um viés tão fascista que de acordo com Rebuá (2019, p. 1) “na Nova República nunca sentimos tanto medo como agora”, pois o uso da violência para agredir adversários e satisfazer seus interesses tem sido a tônica desse grupo político que não se resume apenas ao chefe do executivo.

O Bolsonarismo é uma corrente política que tem sustentáculos no governo e na sociedade. Triste reconhecer que esse fenômeno existe, que o Bolsonarismo é um jeito de fazer política, um jeito autoritário, que faz opção pela propaganda enganosa através das *fake news* – as investigações da polícia federal comprovam isso –, que sustenta um sistema de corrupção pautado nas ações de milicianos e deputados ávidos por “rachadinha”, que opta pela agressão aos poderes – legislativo, judiciário –, não reconhecendo a necessidade do diálogo, que não respeita a dignidade dos seres humanos quando responde “ e daí, sou Messias, mas

1 Titãs. **Go Back**. Gravadora Warner Music Group, 1988.

2 Lulu Santos. **Tempos Modernos**. Gravadora WEA, 1982.

não sou Deus”³, para justificar as mais de 5 mil mortes, ferindo com suas palavras milhares de famílias enlutadas no país. E esse gesto foi repetido várias vezes por esse indivíduo a cada resposta sobre o aumento do número de óbitos no Brasil.

Por isso, Rebuá (2019, p.1) questiona “por que ainda temos tanta polidez no uso do conceito de fascismo, quase sempre prene de prenomes latinos, aspas e constrangimentos os mais diversos?”. É fascismo sim, não podemos temer o termo, nem temer o enfretamento a esse estado de coisas. Que o tempo como “compositor de destinos”, “um dos deuses mais lindos” e “tão inventivo” nos livre dessa pandemia e desse governo dos horrores. “Ouve bem o que te digo, tempo, tempo, tempo, tempo”.

Parece que – neste momento pandêmico – estamos sendo engolidos por este tempo de dor, de caos, de expectativas de como voltaremos ao “novo normal”, se é que isso é possível!

É sobre esse cotidiano intempestivo que falaremos, sobre esse tempo presente que se apresenta desafiador para o povo brasileiro, sobretudo para os mais pobres, para aqueles que vivem do e para o trabalho, aqueles que infelizmente são as maiores vítimas do novo coronavírus no país.

O governo e a crise política

O Brasil tem sido caracterizado por duas crises: a pandemia do novo coronavírus e o pandemônio do governo Bolsonaro. A pandemia nos coloca diante da maior crise sanitária dos últimos cem anos. Segundo a edição de 17 de julho de 2020 do jornal *El País*⁴, o Brasil acumula

2.046.328 de infecções pelo novo coronavírus e 77.851 mortes confirmadas pela COVID-19. Infelizmente, a ameaça de expansão da pandemia se mantém.

O governo Bolsonaro, simplesmente, negligenciou a gestão da crise sanitária e tenta salvar a própria pele diante da crise política que esse governo nunca deixou de vivenciar. Depois da onda de manifestações fascistas no início da pandemia que reivindicava intervenção militar, do movimento negacionista que questionava a existência do novo coronavírus e propunha abertura indiscriminada do comércio, pondo em risco a vida dos trabalhadores, das renúncias do ministros da saúde Mandetta e Teich e do “superministro” Sérgio Moro, da fatídica reunião⁵ do presidente e seus ministros que mais parecia uma “rinha de galos” que expôs, nas falas dos ministros Guedes, Salles e o ex-ministro Weintraub⁶, o compromisso desse grupo político com a destruição do país, esse governo continua alimentando a crise política.

O desgoverno de Jair Bolsonaro (sem partido) é uma verdadeira fábrica de crises de proporções épicas e responsável por lançar o Brasil à Idade Média e o seu povo a níveis de desemprego e miséria nunca vistos antes. São tantas aberrações acontecendo ao mesmo tempo, que é preciso pontuá-las, para que não nos percamos em um caldeirão de insanidades, incompetências e crimes contra a sociedade cada vez mais repleto de ingredientes tóxicos aos cidadãos e aos poderes legalmente constituídos (PATRIOTA, 2020, p. 1).

A crise deste “desgoverno” aponta em suas especificidades os possíveis crimes de responsabilidade cometidos por este agrupamento político que tomou posse do Brasil. Vejam a lista de possíveis crimes: a) denúncias feitas

3 Ver em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>.

4 Ver em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-17/ao-vivo-as-ultimas-noticias-sobre-o-coronavirus-e-a-crise-politica-no-brasil.html>.

5 Ver em <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/22/ouca-e-leia-na-integra-a-reuniao-ministerial-de-bolsonaro-liberada-pelo-stf>.

6 Ver em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2020/05/apos-video-de-reuniao-ministerial-weintraub-e-salles-sentem-cargos-ameacados/>.

pelo então e agora ex-ministro da Justiça Sérgio Moro contra o presidente Jair Bolsonaro apontam crime de responsabilidade por parte do presidente que pressionava o ministro para interferir no trabalho (investigações) da Polícia Federal; b) os crimes de rachadinha do seu filho Flávio com o ex-assessor Fabrício Queiroz, antes foragido, depois preso e agora se beneficia de prisão domiciliar; c) a ligação com as milícias cariocas; d) o apoio e convocação para as manifestações favoráveis ao Ato Institucional nº 5 (AI-5) que defende a ditadura militar; e) declarar, em Miami, que as eleições de 2018 foram fraudadas, quando o mesmo foi eleito com um festival de Fake News produzido pelo “gabinete do ódio” que já está sendo investigado pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) e suas contas foram bloqueadas pelo Facebook⁷; f) mandar comemorar o golpe militar de 1964 em 2019, exaltar a ditadura é crime previstos na Lei de Segurança Nacional (Lei nº 7.170/83), na Lei dos Crimes de Responsabilidade (Lei nº 1.079/50) e no próprio Código Penal (artigo 287); g) promover ofensas de cunho sexual contra a repórter da *Folha de São Paulo*, Patrícia Campos Mello; h) colocar em risco a vida de pessoas⁸ quando resolve passear pelos arredores do palácio presidencial, entrando em padarias, prédios particulares, postos de gasolina, atentando contra a República e a Constituição Federal, por essa conduta deveria ser processado por crime de responsabilidade, conforme a Lei nº 1079/50 e por crime contra a saúde pública, previsto no artigo 268 do Código Penal.

A lista é grande e ainda temos outras tantas denúncias que aos poucos vão aparecendo. Portanto, fica a pergunta: o que falta para abrir o processo de *impeachment* contra esse governo?

7 Ver em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/07/facebook-remove-contas-falsas-ligadas-aos-bolsonaros-e-ao-gabinete-da-presidencia.shtml>.

8 É bom lembrar que o presidente que não acreditava na pandemia foi infectado pela novo coronavírus (COVID-19).

São 52⁹ pedidos enviados ao presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia do Democratas (DEM), apenas um foi arquivado até hoje. Isso demonstra que o instrumento do *impeachment* é permeado por interesses políticos e não jurídicos, pois não faltam crimes para enquadrar o presidente. Se o governo tem base política para mantê-lo no poder, nenhum processo de afastamento será aprovado pelo legislativo. O governo Michel Temer conseguiu se livrar por duas vezes do *impeachment*.

A primeira denúncia de corrupção contra Michel Temer foi arquivada em agosto de 2017 pelos deputados por 263 votos a favor e 227 votos contra de 2017. A segunda denúncia de corrupção foi votada em outubro de 2017 e novamente foi arquivada por 251 votos favoráveis ao parecer do deputado Bonifácio de Andrada do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), que rejeitava a denúncia de obstrução de Justiça e organização criminosa, contra 233 deputados votaram a favor das investigações. Esse processo acaba mantendo o grupo que golpeou a democracia em 2016 no poder (SILVA, 2020, p. 76).

A presidenta Dilma foi afastada sem crime de responsabilidade, num golpe¹⁰ comprovado contra a democracia. Assim como Temer, Bolsonaro abre o Palácio do Planalto para o “Centrão”¹¹, distribuindo cargos em todos os escalões da República, inclusive retirando “a namoradinha do Brasil”, a atriz Regina Duarte para empossar o ator Mário Frias. A velha política do “toma lá, dá cá”, praticada para manutenção de um governo que não prioriza a vida do povo brasileiro e faz de tudo para se manter no poder.

Segundo Maquiavel (2001, p. 38) “Não se pode propriamente chamar de *virtu* o fato de

9 Ver em: <https://apublica.org/impeachment-bolsonaro/>.

10 Ver em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2019/09/janaina-paschoal-admite-farsa-do-impeachment-alguem-acha-que-dilma-caiu-por-um-problema-contabil/>.

11 Ver em: <https://br.noticias.yahoo.com/governo-bolsonaro-distribui-mais-300-cargos-centrao-133733956.html>.

assassinar seus concidadãos, trair os amigos, não ter fé, piedade nem religião. Deste modo pode-se adquirir poder, não a glória”. O governo Bolsonaro pratica todos os males possíveis para se manter no poder, portanto não interessa a vida do povo, seus “concidadãos”, o que interessa é a aliança com o “Centrão”, com o fisiologismo da política, com interesses mesquinhos dos políticos que representam a si mesmo, o que configura a “fetichização” da ação política como ressalta Dussel. (2007, p. 45-46)

Uma vez fetichizado o poder (que é a concepção de poder desde Th. Hobbes, como dissemos), a ação do representante, do governante (seja um Rei, um parlamentar liberal, um Estado, etc.), indevidamente, é uma ação dominadora, e não um exercício delegado do poder da comunidade. É o exercício autorreferente da autoridade despótica (embora se tenha feito eleger proceduralmente com aparência de ter cumprido com instituições, como a eleição popular de representantes). A própria representação se corrompe. Elegem-se os dominadores. Toda a política foi invertida, fetichizada.

Esse modo de governar autoritário, dominante, com compromissos fascistas como ressalta Jessé Souza (2019), defende abertamente a ditadura militar em manifestações pró-governo, exalta a tortura, quando homenageia o coronel Brilhante Ustra, o maior torturador do país na época do golpe civil-militar de 1964, defende a morte de opositores como saída política, pratica o racismo contra negros e indígenas em diversas falas e ações devidamente registradas na internet, agride mulheres sejam elas deputadas, jornalistas, professoras, não há limites para a violência desse governo.

A oposição, o *impeachment* e outras opções do processo

A crise política atual acaba contribuindo para a manutenção desse estado de coisas que não ameaça o bolsonarismo, pois não há no hori-

zonte, de curto e médio prazo, possibilidade de *impeachment*. Nem a tal frente ampla que tentaram criar, de tão ampla naufragou ou ainda não decolou como deveria. Oposição de rede sociais, blogueiros e *youtubers*, também, não derrubarão esse governo.

Não se sabe ao certo o que a oposição quer, pois parece que muitos investem no desgaste do governo para colher os frutos em 2022, numa espécie de “Sarneyzação”¹² do governo levando em consideração apenas o calendário eleitoral. Muitos partidos e forças políticas estão fazendo os cálculos e analisando o que seria melhor para o futuro deles. Digo isso, porque partidos e forças políticas – salvo raríssimas exceções – se movimentam independentemente das emoções e sentimentos populares.

O que produz mudanças na política é gente nas ruas e, nos tempos atuais, isso caracteriza riscos existenciais de se infectar com a COVID-19. Nesse sentido, a pandemia arrefece qualquer possibilidade de grandes protestos de massa pela queda de Bolsonaro. Isso, favorece a sua permanência e pode comprovar a tese de “Sarneyzação”.

Numa outra frente, que não é a política partidária, atores, atrizes, cantores, *youtubers*, humoristas, ex-jogadores de futebol, cronistas esportivos, ex-ministros, religiosos e intelectuais apresentam um novo pedido¹³ de *impea-*

¹² Termo usado por cientistas políticos brasileiros para caracterizar a continuidade do governo que, segundo Queiroz (2017), acaba criando um cenário de uma equipe econômica e o Congresso Nacional fazendo o feijão com arroz, sem qualquer reforma relevante. Para Queiroz (2017, p. 1), quando avaliava a crise do governo Temer (2016-2019) “O cenário de Sarneyzação, que seria a continuação, piorada, do que já vem ocorrendo. O governo conseguiria rejeitar os pedidos de cassação na Câmara, mas ficaria sem forças para aprovar reformas e sem condições de impor sua vontade no governo, passando a depender integralmente da equipe econômica e da base fisiológica do Congresso”. Esse é um dos prováveis cenários do governo Bolsonaro.

¹³ Ver em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/chico-buarque-e-outras-personalidades-apresentam-pedido-de-impeachment-de-bolsonaro/>.

chment contra o presidente Jair Bolsonaro. Entre os nomes que assinam este pedido estão: o cantor Chico Buarque, o escritor Fernando Morais, as atrizes Lucélia Santos e Dira Paes, o humorista/youtubers/ator Gregório Duvivier, o ex-ministro Luiz Carlos Bresser-Pereira, o padre Júlio Lancellotti, o ex-jogador e comentarista esportivo Walter Casagrande e o jornalista, especialista em esportes, Juca Kfourir.

O novo pedido de *impeachment*, também conta com o apoio de segmentos do movimento sindical e social como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), Movimento Negro Unificado (MNU), União Nacional dos Estudantes (UNE), Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), Instituto Socioambiental (ISA), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) e Associação Brasileira de Juristas pela Democracia (ABJD).

Os movimentos sociais se articulam e acreditam na pauta do *impeachment* de Bolsonaro. O cenário ideal seria a anulação da Chapa Bolsonaro/Mourão, mas isso só aconteceria, caso a CPI das *fake news* concluísse que o “Gabinete do Ódio” a partir das mentiras produzidas durante o processo eleitoral foi responsável por difamar os outros candidatos, acusando-os de ações mentirosas e promovendo o candidato Bolsonaro com essas acusações sem provas. Na verdade, foi isso que aconteceu como mostra o filme *Privacidade Hackeada*¹⁴ que apresenta como as mentes são manipuladas na internet e como diversas eleições foram fraudadas no mundo. Mas entre o ideal da política e o real existe uma enorme distância e infelizmente, o Brasil continua “descendo a ladeira”¹⁵.

14 Privacidade Hackeada. Documentário. Direção: Karim Amer, Jehane Noujaim, Produção e Distribuição Netflix, 2019, 1h 50 min.

15 Moraes Moreira, Lá vem o Brasil descendo a ladeira, Som Livre, 1979.

As disputas de narrativas em tempos de pandemia

A morte, ou medo dela, tem sido uma tônica nesse processo pandêmico. Temos medo de morrer ou de perder alguém próximo e, nesse sentido, a ansiedade aumenta bastante. O Brasil ultrapassa os 180 mil mortos e, infelizmente, pode alcançar o dado trágico de 200 mil vítimas.

Conviver com esse drama diariamente sem ter o direito de enterrar o ente querido é doloroso, pois os rituais de despedida inexistem. O novo coronavírus mata e mata muito, mas as disputas de narrativa sobre a COVID-19 desmobiliza, desacredita, dogmatiza, paralisa e um vírus que amedronta o mundo adquire várias frentes de narrativa.

De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 91), “As narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar”. Essa variedade de narrativas, no caso da pandemia, na sua maioria está voltada para consolidar um discurso de negação do vírus e da sua baixa letalidade. Nesse sentido, existem as narrativas do presidente Bolsonaro e seus seguidores, as narrativas que confrontam vida e emprego – economia e saúde –, as narrativas que criam um inimigo externo causador da pandemia, as narrativas da charlatanice religiosa que vende curas milagrosas, a narrativa do “fique em casa” que propõe o isolamento social como medida segura para conter a proliferação do vírus.

Vejamos o que essas narrativas apresentam:

a) as narrativas do presidente Bolsonaro e seus seguidores. No primeiro momento da crise sanitária, o presidente defendia a narrativa de que o vírus COVID-19 era uma mera “gripezinha”¹⁶, e que o mesmo, como ex-atleta, não

16 Ver em: <https://g1.globo.com/politica/blog/geron-camarotti/post/2020/03/20/em-meio-a-pandemia-de-coronavirus-bolsonaro-diz-que-gripezinha-nao-vai-derruba-lo.ghml>.

teria problemas com um possível contágio. O presidente, também, classificou as preocupações e precauções com a pandemia como “histeria”, tentou se isentar das responsabilidades como governante diante o aumento do número de casos, questionou o fechamento de escolas, e fez mais afirmações, entre as quais: “brasileiro não pega nada”; “eu não sou coveiro”; que o vírus é “como uma chuva”; e a sarcástica brincadeira de mau gosto para impor sua narrativa de validade do medicamento Cloroquina, “quem é de direita toma Cloroquina, quem é de esquerda toma tubaína.”¹⁷ Lembrando que a Cloroquina já foi descartado por vários institutos de pesquisa¹⁸ e, mesmo assim, a narrativa de eficácia desse medicamento faz parte da rede bolsonarista alimentada por *fake news*.

De acordo com Carvalho (2020, p. 1),

O poder exige terrenos de jogo para atuar. Sem eles, haveria apenas violência e coerção. A negação de fatos e a condução de narrativas políticas não é uma prática nova de demonstração de poder ou sequer original, começou na 2ª Guerra Mundial com Joseph Goebbels, Ministro de Comunicação Nazista, e se chama Propaganda. A técnica consiste em contar mentiras, por mais absurdas que sejam até que o senso de realidade não mais exista; alto volume de mentiras, por todos os canais e plataformas, contínuas e repetitivas, sem o menor compromisso com a realidade objetiva ou consistência.

Essa tem sido a estratégia desse governo que mente numa tentativa de fazer a mentira se transformar em verdade. O nazismo fez com maestria essa inversão e promoveu uma das maiores tragédias humanas da história, o bolsonarismo e suas mentiras no Brasil deve ser responsabilizado pelas mais de 180 mil mortes até então confirmadas nesta pandemia.

17 Ver em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/veja-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-coronavirus-de-certa-histeria-a-fantasia-e-nerouse.shtml>.

18 Ver em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/05/22/estudo-hidroxiclороquina.htm>.

O discurso e o comportamento do presidente Jair Bolsonaro, no entanto, semeiam a insegurança e mais medo, na medida em que duvida dos procedimentos indicados pela OMS; se contrapõe a governadores e prefeitos; demite seu próprio ministro da saúde (Luiz Henrique Mandetta), que defendia o isolamento social; e prega o funcionamento da indústria e do comércio. O Brasil tem sido a grande e vergonhosa exceção na minimização da pandemia, devidamente registrada pela imprensa internacional (WEBER, 2020, p. 2).

A narrativa presidencial sobre o novo coronavírus é perversa, desumana e tem como objetivo alimentar o mundo paralelo criado por ele e seus seguidores terraplanistas, escultores do ódio.

b) as narrativas que confrontam vida e emprego (economia e saúde). Então, entramos na nossa próxima questão, que é a falsa dicotomia entre vida e empregos. Os fanáticos/irracionalistas ou a turma do mau-caratismo tentaram em muitas manifestações impor a narrativa de que as pessoas deveriam voltar imediatamente ao trabalho, pois elas perderiam seus empregos e se o vírus da COVID-19 não matasse essas pessoas, certamente elas iriam morrer de fome. Ora, essa afirmação é de uma desumanidade sem precedentes, “morrer de vírus ou morrer de fome”, só apresenta a morte no horizonte, como se não tivéssemos outras possibilidades.

O caso das “carreatas da morte”, promovida por empresários, que aconteceu em diversas partes do país, preconizando a abertura do comércio e a insistência de falsos “líderes” religiosos que queriam as igrejas abertas, demonstrou a total sintonia com essa narrativa vida x empregos, também estimuladas pelo presidente. Essa disputa narrativa ainda persiste, pois, uma parte da classe trabalhadora, sobretudo as pessoas que estão inseridas nos serviços essenciais, precisam sair de suas casas para trabalhar todos os dias. Seguranças,

policiais, auxiliares de enfermagem, motoristas e cobradores, maqueiros, porteiros, trabalhadores de entrega por aplicativos, enfermeiras, médicos, farmacêuticos, caixas e trabalhadores de supermercados. Essas pessoas vivem o drama diário de ter que trabalhar e voltar para seus lares e não pôr em risco a vida dos seus familiares. Mas esses trabalhadores são essenciais, os demais estão em casa ou nas ruas¹⁹, com ou sem empregos e muitos não foram beneficiados com o auxílio emergencial, esse cenário aumenta a tensão entre essa disputa de narrativa que dicotomiza vida e empregos.

c) as narrativas que criam um inimigo externo causador da pandemia. A China foi escolhida como inimigo externo responsável por disseminar propositalmente o vírus no planeta. Esse tipo de narrativa contribuiu para criar a sinofobia²⁰ (preconceito contra a China).

Os Estados Unidos, inclusive, inventaram a ideia de “vírus chinês”, tentando associar a China a algo contagioso. O filho do presidente, o deputado federal (PSL-SP), Eduardo Bolsonaro²¹ e o ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub²², agrediram a China, afirmando que a pandemia de coronavírus não passa de uma conspiração chinesa para dominar o mundo; e tudo com o apoio do ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, que também é partidário dessa tese. As declarações estremeceram as relações entre esses dois países e prejudicaram os negócios e o crescimento econômico do Brasil. Investir nessa narrativa é aumentar a crise econômica no país.

19 Ver em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/populacao-em-situacao-de-rua-cresce-durante-pandemia-1.2960887>.

20 Ver em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-06-27/sinofobia-ja-e-um-fenomeno-global.html>

21 Veja em <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-19/esforco-de-eduardo-bolsonaro-para-demonizar-china-copia-trump-e-ameaca-elo-estrategico-do-brasil.html>.

22 Veja em <https://www.brasil247.com/regionais/brasilia/weintraub-agride-a-china-e-coloca-em-risco-a-economia-nacional-e-as-vidas-de-brasileiros>.

d) as narrativas da charlatanice religiosa que vende curas milagrosas para a COVID-19. Das charlatanices mais bizarras que prometiam a cura do novo coronavírus, a que mais chamou atenção de grande parte da mídia e da sociedade foi a promessa do pastor Valde-miro Santiago, líder da Igreja Mundial do Poder de Deus, de que plantar a semente de “cura”²³ poderia salvar os seus fiéis do coronavírus. O pastor pedia uma singela contribuição de R\$ 1000,00 por fiel.

Esse tipo de narrativa de cura da COVID-19, também, foi desenvolvido por outros líderes religiosos²⁴ que queriam lesar a consciência das pessoas. É bom salientar que muitos religiosos não compactuaram com esse tipo de prática, pois a mentira fere princípios sagrados da religião.

e) a narrativa do “fique em casa”. Segundo a pesquisadora e professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Esther Solano (2020), que participou do Simpósio que analisa disputas das narrativas em tempos de pandemia, a classe popular tende a acreditar que o isolamento social “é um privilégio de quem tem dinheiro”. Essa constatação levar a crer que há a percepção de que “o isolamento é um privilégio e não um direito”.

Para Solano (2020), a discussão do “fique em casa” como ação de prevenção, deve estar sintonizada às medidas econômicas e da intervenção do Estado. Políticas como auxílio emergencial e de geração de renda e emprego, são essenciais. Ficar em casa não pode ser um privilégio, deve ser um direito²⁵, mas, tudo depende da forma como esse lema é comunicado. É preciso utilizar um linguajar que seja

23 Veja em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/amigo-de-bolsonaro-pastor-vende-semente-que-cura-coronavirus-por-r-1-mil/>.

24 Veja em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/igreja-promete-imunidade-contra-coronavirus-com-uncao-em-culto/>.

25 Veja em: <https://www.ufg.br/n/128987-simposio-analisa-disputas-das-narrativas-em-tempos-de-pandemia>.

simples para alcançar de forma satisfatória a classe popular, pois essa fala simples tem sido utilizada pelo presidente e seus seguidores para negar os efeitos danosos da pandemia e das suas medidas de prevenção.

Conclusão

Temos no Brasil um cenário caótico, um governo que caracteriza sua ação através da disseminação do ódio, que agride a imprensa, a Ordem dos Advogados, a ciência, as universidades, que afronta inconstitucionalmente o Congresso Nacional, o Judiciário e as instituições que têm como missão o fortalecimento da democracia e da cidadania no país. É um governo que esconde sua incompetência na tática do ataque como defesa.

O Brasil, antes da COVID-19, não apresentava sinais de desenvolvimento, o desemprego em alta, contribuía para elevar o quadro de desigualdade social, comprovando que o governo Bolsonaro nunca teve projeto para promover o crescimento econômico e social do país. A agenda ultraneoliberal e privatista, imposta pelo ministro Paulo Guedes, acredita na tese das “reformas” para promover desenvolvimento.

O governo defende, abertamente, o fim do isolamento social e a volta ao trabalho para favorecer os lucros da classe dominante que precisa dos trabalhadores para manter seus negócios. Essa crise pandêmica e “pandemônica”, pois o país virou um pandemônio, evidenciou o desastre que este governo representa para toda a sociedade. Foram São mais de 4 meses dois meses sem ministro da saúde e a triste contatação que podemos ter mais 180 mil mortos por COVID-19 no Brasil.

O que temos é um genocídio que foi decretado pelo governo Bolsonaro quando do início da pandemia. Os mais pobres, negros, indígenas são as vítimas preferenciais dessa cri-

se sanitária que tem sim um corte de classes, pois aqueles com mais condições financeiras têm um conjunto de recursos para prevenção, atendimento hospitalar e garantia de isolamento social.

O que espanta o povo brasileiro é que este senhor – o presidente da República – tem sido capaz de não apresentar nenhuma humanidade no trato desta pandemia. Nega, e se posiciona contra o isolamento social, pondo em risco a vida das pessoas com suas aparições públicas sem o uso de máscara, joga toda a responsabilidade do combate ao vírus nas costas dos governadores, prefeitos e sociedade e este governo é incapaz de se pronunciar para solidarizar-se com os familiares que perderam os seus entes queridos. O presidente é responsável pelo maior genocídio da história do Brasil.

Assim como os nazistas foram julgados e condenados por seus crimes na Segunda Guerra Mundial, Bolsonaro e os integrantes desse governo terão que, algum dia, responder por esse crime cometido na condução das medidas contra a proliferação do novo coronavírus.

A omissão como ação política da gestão Bolsonaro que jogou as responsabilidades nas mãos dos governadores e prefeitos e da sociedade, configurou a face fascista desse grupo político. O fascismo bolsonarista não lançou milhões de pessoas nas câmeras de gás, apenas abandonou os concidadãos a própria sorte. Esse crime não ficará impune.

Portanto, é preciso deixar o nosso abraço fraterno e solidário aos parentes dos vitimados pela COVID-19, pois essas vidas que se foram são mais do que números, são pessoas que deixam um lastro imenso de saudade. A memória de vocês não será esquecida.

Para não terminar o texto com tristeza, recorro a maior banda de *rock-pop* do Brasil nos anos 1980-1990, a Legião Urbana. Sua mensagem abriu corações e mentes para a crítica-

de existencial e o trecho desta letra pode nos trazer reflexão: “Ficaremos acordados, imaginando alguma solução, pra que esse nosso egoísmo, não destrua nosso coração?, será só imaginação?, será que nada vai acontecer?, será que é tudo isso em vão?, será que vamos conseguir vencer?”²⁶.

Venceremos sim, acredite!

Referências

AGOSTINHO. 1980. **Confissões**. São Paulo, Abril Cultural. (Os pensadores).

CARVALHO, Maytê. **Coronavírus: pandemia não é questão de opinião - a relativização das verdades na retórica bolsonarista**. Portal Yahoo Notícias. Brasil, 2020. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/coronavirus-opiniao-retorica-jair-bolsonaro-relativizacao-verdades-171916502.html>. Acesso em: 16 jul. 2020.

DUSSEL, Enrique. **20 Teses de Política**. São Paulo, Expressão Popular/Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2007.

ESPINHEIRA, Gey. **Teoria Pós-Modernas: Aulas**. Salvador, Ba. Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2005.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. **Entrevista narrativa**. In: GASKEL, George; BAUER, Martin (Ed.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 90-113.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

26 Legião Urbana. **Será**, Gravadora EMI-Odeon, 1985.

PATRIOTA, Fernando. **Bolsonaro, uma crise sem precedentes**. Jornal Brasil de Fato, Paraíba, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefatopb.com.br/2020/06/29/bolsonaro-uma-crise-sem-precedentes>. Acesso em: 14 jul. 2020.

REBUÁ, Carlos Eduardo. **Das normalidades: fascismo e o Brasil sob Bolsonaro**. Jornal GGN, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/politica/das-normalidades-fascismo-e-o-brasil-so-b-bolsonaro/>. Acesso em: 31 jun. 2020.

SILVA, Ivandilson Miranda. **“La Calle, La Plaza, La Palabra”**: Educação Popular, Contemporaneidade e Experiência da Universidade das Madres de la Plaza De Mayo. 2020, 267p. Tese Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (Ppgeduc), Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Ba, 2020.

SOLANO, Esther. **Simpósio analisa disputas das narrativas em tempos de pandemia**. UFG - Universidade Federal de Goiás, 2020. Disponível em: <https://www.ufg.br/n/128987-simposio-analisa-disputas-das-narrativas-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 15 jul. 2020.

SOUZA, Jessé. **O que significa Bolsonaro no poder**. Jornal Brasil de Fato, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/05/08/artigo-or-o-que-significa-bolsonaro-no-poder-por-jesse-souza>. Acesso em: 14 jul. 2020.

WEBER, Maria Helena. **Covid-19 na perversa narrativa presidencial**. Observatório de Comunicação Pública (Obcomp), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RS), 2020.

Recebido em: 02/06/2020

Aprovado em: 11/12/2020

Ivandilson Miranda Silva é doutor em pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor do curso de Filosofia da Faculdade de Ciências da Bahia (Faciba). Professor do curso de Pedagogia e Serviço Social da União Metropolitana de Educação e Cultura (Unime), em Salvador. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Pensamento e Contemporaneidade, vinculado à Linha 1 do PPPGEduC da UNEB. E-mails: ivandilson-silva@ig.com.br, ivanvisk@gmail.com